

Do Jornalismo à Literatura: As Dificuldades Do Escritor No Mercado Editorial Brasileiro ¹

Ivana Mendes Cardoso Barreto ²

Universidade Estácio de Sá

Resumo

Este trabalho exemplificará, a partir da experiência de Clarice Lispector na mídia impressa, como colunista do Caderno B, do Jornal do Brasil, entre os anos de 1967 e 1973, as dificuldades enfrentadas pelos escritores na sociedade brasileira, considerando a difícil situação do mercado editorial no País, que embora apresente alguns períodos de relativa euforia, sempre representou uma barreira à pretensão daqueles que pretenderam viver da escrita.

Palavras-chave

Clarice Lispector ; mídia ; livro; mercado.

Corpo do trabalho

Qualquer reflexão sobre o mercado editorial, e o espaço que tem ocupado o escritor na sociedade brasileira, pode remeter a duas situações bem definidas. A primeira, a dos jornalistas que, com mais ou menos regularidade, trafegam pelo universo literário, com a nítida consciência da grande dificuldade que representa, no País, viver exclusivamente de literatura. Afinal, a figura do autor que não consegue sobreviver da venda dos seus livros não vem de hoje e já rendeu até mesmo boas ficções. A segunda situação seria a dos escritores que, por diferentes vias, adentram pelos espaços jornalísticos, pelos diferentes veículos, quer seja como cronistas, articulistas, críticos. Nas duas situações, parece ficar claro que a comunicação entre jornalismo e literatura, que vem dos primórdios da imprensa no Brasil, está sempre presente, é salutar e vem sendo fortalecida com o passar dos anos. Também parece ficar

¹ Trabalho apresentado ao NP 04 – Produção Editorial - do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutora em Literatura Brasileira – PUC-RJ, Mestre em Literatura Brasileira (UFRJ). Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – é professora assistente da Universidade Estácio de Sá, onde ministra as disciplinas Redação Jornalística 1, Técnicas de Reportagem em Jornalismo 2 e Projetos Experimentais 2. Atuou também como docente na Universidade Gama Filho e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi, ainda, coordenadora do Curso de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá.

claro que o profissional da palavra, esteja ele onde estiver, redigindo matérias ou elaborando romances, tem a exata noção das agruras que o ofício da escrita envolve no País. Dificuldades que estão relacionadas, sem dúvida, à situação do mercado editorial.

Uma autora que ilustra singularmente a segunda situação descrita, dos escritores que atuam na imprensa, é Clarice Lispector. Sempre atravessando fases de dificuldades financeiras, colaborou com certa regularidade para a mídia impressa. Na tese *Clarice e o diálogo com os leitores nas crônicas do JB*,³ que analisou – a partir do volume de crônicas *A descoberta do mundo* – o diálogo e a parceria que a autora foi estabelecendo com seus leitores, com a publicação de textos semanais, no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, entre os anos de 1967 e 1973 – alguns episódios da vida pessoal da autora foram destacados, no sentido de auxiliar o entendimento da citada relação autor/leitor. Foram mencionados justamente os problemas financeiros enfrentados por Clarice, em especial após a separação do diplomata Maury Gurgel Valente. Com dois filhos pequenos, e não podendo viver da venda de seus livros, a autora passou a escrever para revista e jornal, ao mesmo tempo que se atirava de cabeça na sua ficção.

Convém lembrar que antes de escrever para o JB, Clarice atuou, em 1960, como *ghost-writer* para a atriz Ilka Soares, que assinava a coluna “Só para mulheres”, no *Diário da Noite*. Também ocorreu sua colaboração para a revista *Senhor*, a convite de Paulo Francis:

Foi Francis quem resolveu dar nova chance à Clarice, convidando-a para colaborar na revista *Senhor*, na qual ele era o editor de ficção. Clarice mensalmente mandava seus contos de Washington, e praticamente todos os que depois apareceriam em *Laços de Família* foram antes publicados por *Senhor*. Dentro dos limites de circulação da revista, que nunca passou dos 25 mil exemplares, os contos de Clarice fizeram um grande sucesso. *Senhor* era uma revista conceituadíssima, de enorme influência na imprensa brasileira, e foi através dela que a obra de Clarice popularizou-se novamente, facilitando o caminho para a publicação futura dos dois livros que, por enquanto, permaneciam sem editor. Mas através de *Senhor*, além de reafirmar seu nome, Clarice teve ainda a oportunidade de ser descoberta pela nova geração.⁴

³ Tese de Doutorado da autora, defendida em julho de 2004, que teve como orientadora a Prof. Dra. Eliana Yunes. O estudo investigou como, a partir da publicação semanal das crônicas no JB, Clarice Lispector foi estabelecendo um diálogo e uma parceria crescentes com seus leitores.

⁴ Esclarecimento de Lícia Manzo, em *Era uma vez: eu: a não ficção na obra de Clarice Lispector*, para o fato de Clarice ter passado a escrever para a mídia impressa. Segundo a autora, embora tivesse prestígio no Brasil entre intelectuais e escritores, em 1959 ela não encontrava um editor para publicá-la.

Nos textos publicados no JB, Clarice aproveitou o espaço da sua coluna semanal para estreitar os laços com os leitores. Utilizando trechos de seus livros ainda inéditos - na maioria das vezes acrescentando apenas breves comentários na parte final dos mesmos, ou simplesmente trocando a terceira pela primeira pessoa - Clarice utilizou a brevidade do espaço jornalístico (quando comparado com o literário) e acabou se tornando mais próxima do leitor. E foi ficando cada vez mais nômade, menos clandestina. Quanto aos seus escritos, igualmente foram se transformando, de palavras do exílio e da clandestinidade, em palavras mais desenraizadas, livres e não-representativas. Da natureza experimental dos primeiros romances, de certa forma ainda mais próximos da representação do que da vivência, observamos uma transformação na obra clariciana, até chegar aos escritos que podemos denominar de tardios, das suas duas últimas décadas de vida. Textos, e neles incluímos os publicados no JB, fragmentados e não convencionais. Nesse sentido, os textos publicados na mídia impressa revelam importantes aspectos sobre o processo de criação de Clarice, além de vários episódios autobiográficos. Em carta enviada ao filho mais novo, Paulo Gurgel Valente, que embarcou para Indiana, nos Estados Unidos, em janeiro de 1969, a fim de participar de um programa de intercâmbio estudantil, Clarice revela aspecto importante sobre os textos publicados no JB:

Minha alma:

Quando demorar a receber carta, não se assuste: é que sou mesmo das que adiam a resposta. Com a graça de Deus são só seis meses - um ano eu não agüentaria. Pedro está no mesmo, mas está em tratamento e a esperança é a última que morre. Continuo trabalhando forte para *Manchete*. As crônicas no *Jornal do Brasil* não me preocupam porque tenho um punhado delas, é só escolher uma e pronto. Além do mais, eu pretendo me "plagiar": publicar coisas do livro *A legião estrangeira*, livro que quase não foi vendido porque saiu quase ao mesmo tempo que o romance, e preferiram este. Talvez eu receba em breve um pequeno aumento no jornal. Silea está com muita saudade de você, e até perdeu o gosto por novela. Mandou dizer que a Veridiana estava muito doente, à morte, o prof. Renato continua cego, e o tio Paulo vai se casar com Márcia. E a mulher do prof. Renato roubou o filho da Márcia pensando que é filho do Renato. O Luisinho do Coríntians da novela morreu, mataram-no. D. Elvira continua chorando muito e Heitor ainda não morreu. Silea disse que a casa não é a mesma sem você, e que você volte logo.⁵

⁵ Trecho de uma das cartas enviadas por Clarice ao filho Paulo, quando da estadia deste nos EUA, publicada no livro *Correspondências*, de Theresa Cristina Montero, que reúne 129 correspondências trocadas pela autora com parentes e amigos, num período que cobre quatro décadas de sua vida, dos anos 1940 até pouco antes de sua morte, em 1977.

Nesta correspondência, pode-se localizar alguns temas recorrentes da autora, que estiveram presentes nos textos do JB, como a relação com as empregadas e as dificuldades financeiras que enfrentava. Além de desabafar sobre a doença do filho mais velho, Pedro, Clarice confessa ao caçula que não se preocupava tanto com os textos que deveria produzir semanalmente para o jornal. E aí revela que aproveitava trechos já escritos e citou mesmo o aproveitamento feito de *A legião estrangeira*. Contudo, mesmo confessado, este aproveitamento não diminui a importância do diálogo com os leitores e a repercussão deste diálogo na sua escrita. Afinal, por que não podemos acreditar que o movimento inverso tenha sido realizado, ou seja, que os textos do Jornal tenham sido aproveitados na sua ficção? Para entender o movimento de uma autora que confessava o próprio “plágio”, que não negava suas intenções, nada pode ser considerado de forma exclusiva.

Entre as cartas da década de 70 destaca-se a recebida por Clarice Lispector da amiga Marly de Oliveira, casada com o poeta João Cabral de Melo Neto. Afilhada de casamento da autora, conviveu mais proximamente com ela na década de 60 e divulgou sua obra na América Latina e na Europa, no período em que morou nestes continentes. Na carta enviada à Clarice de Genebra, em 13 de março de 1972, Marly elogia os textos publicados pela autora no jornal:

Minha Claricinha muito querida, estou esperando com enorme ansiedade pelo seu novo livro. Achei excelentes seus últimos textos no *Jornal do Brasil* e é impressionante a repercussão que eles têm nas pessoas sensíveis que os lêem. Ouvi falar em você com muito carinho hoje, aqui em casa pela embaixatriz Glória Guerreiro, quando viu seu retrato na minha estante. Emprestei-lhe *Laços de família*. Não sei se você terá recebido um cartão que lhe mandei há tempo. Sabe que no momento em que lhe escrevia, não sei por que, não me conseguia lembrar do nome de Silea: só por isso não mandei um beijo para ela.⁶

Se o exemplo da trajetória de Clarice Lispector pela mídia impressa representa mais uma prova inconteste da dificuldade que os escritores, mesmo os grandes, sempre enfrentaram, e enfrentavam naquela época específica – décadas de 60 e 70 – de sobreviverem da publicação dos seus livros, a situação parece não ter mudado muito. O mercado editorial brasileiro, embora tenha atravessado, na década de 90, alguns períodos de relativa “euforia”, em geral, não apresenta evoluções significativas.

⁶ Trecho de carta enviada à Clarice pela amiga Marly de Oliveira, também publicada em *Correspondências*.

Os números da última pesquisa, encomendada por Carlos Lessa, quando ainda presidente do BNDES, sobre a economia do livro no Brasil, desenvolvida pelos economistas Fábio Sá Earp e George Kornis, entre março e novembro de 2004, revelam que a indústria editorial está em crise, não assumida publicamente por editores e livreiros. Os dados do trabalho foram reunidos em livro, lançado pelo BNDES, na 12^a Bienal Internacional do Livro, *A economia da cadeia produtiva do livro*, juntamente com o anúncio, feito com o apoio do Ministério da Cultura, de um pacote de medidas, o ProLivro, que tem o objetivo de incentivar o setor a superar os entraves que impedem a difusão da leitura.

A pesquisa foi estruturada em torno de três relatórios. O primeiro, uma análise da situação do livro hoje no Brasil, realizado a partir dos dados fornecidos pela CBL. No segundo, foi realizado um levantamento das políticas de fomento ao livro praticadas no mundo, da produção à comercialização. Finalmente, o terceiro relatório relaciona as propostas para o BNDES.

As vendas de livros, desde o Plano Real, caíram pela metade. Ao mesmo tempo que as editoras se multiplicam, livrarias são fechadas, totalizando estas últimas 1.400 em todo o País (dados de 2004), metade do número de editoras. Para agravar a situação, a fusão e as aquisições de algumas empresas editoriais revelam que o segmento gráfico-editorial foi fortemente concentrado e desnacionalizado nos últimos três anos. A novidade do atual estudo diz respeito às sugestões dos economistas para tentar reverter este quadro. Dessa vez, além da já tão comentada necessidade de investimento em bibliotecas, sobretudo universitárias, vem a sugestão da instituição do vale-livro, instrumento que beneficiaria alunos de baixa renda, sem esquecer do barateamento do preço final dos livros técnico-científicos, aumentando a escala de produção com subsídios e com a taxação de equipamentos utilizados na pirataria, como as máquinas de fotocópia. Do total das 13 propostas apresentadas ao final da pesquisa, seis referem-se exclusivamente à conduta do banco e os economistas, por uma questão de sigilo profissional, não puderam detalhar. Contudo, grosso modo, adiantaram que o BNDES estuda a oferta de um crédito para as editoras, provavelmente para a compra de papel e outros ajustes.

No que concerne às demais sete propostas, destaca-se o destino às bibliotecas do mesmo valor que o governo gasta com a compra de livros didáticos para os alunos: R\$ 450 milhões por ano. A vantagem de uma biblioteca universitária seria a de atuar em todos os mercados, com exceção do religioso. Os economistas sugerem, também, a

criação de vale-livros, além do vale-transporte e do vale-refeição, que seriam oferecidos para estudantes de baixa renda nas universidades. O programa inicial beneficiaria 60 mil estudantes. Destes, 20 mil na área de humanas, 20 mil na área técnico-científica, e outros 20 mil na área de ciências da saúde. O relatório enfatiza que é fundamental baratear o livro, aumentando a escala de produção. Hoje, o governo gasta R\$ 450 milhões comprando livro para estudantes pobres. O relatório propõe que outros R\$ 450 milhões sejam direcionados para as bibliotecas. E mais R\$ 250 milhões para outros programas, o que implicaria em aumentar a despesa com a compra de livros de R\$ 450 milhões para R\$ 1,1 bilhão. O dinheiro viria do Orçamento da União e do imposto vinculado.

Segundo os economistas responsáveis pelo estudo, o livro brasileiro é muito barato se considerarmos como parâmetro o mercado internacional. O problema está justamente no bolso brasileiro médio. O livro produzido no Brasil custa um quinto do livro produzido nos EUA, por exemplo, porém, a renda do brasileiro é menos que um quinto menor do que a do americano, além de ser muito concentrada e mal distribuída. O preço médio pago à editora no Brasil varia entre US\$ 1 e US\$ 3.

Diante de todas as dificuldades que o escritor enfrenta para sobreviver num mercado editorial como o nosso, com tantas barreiras, e uma vez que não pode escapar da realidade econômica e das suas interferências sobre a atividade que realiza, ele precisa ficar atento a três perigos, se pretender fazer parte efetivamente deste mercado, que é o mercado do consumo, o mercado insaciável, das leis implacáveis: a perda da sua identidade ou do seu papel social; a ameaça de que a mercadoria produzida seja apressada e descosida, enfim, mal elaborada; a possibilidade de se profissionalizar sem conhecer devidamente seu ofício. Por isso, antes mesmo da manifestação de qualquer crítica, cabe ao escritor fazer a sua auto-análise, assim como a análise da sua obra. Em suma, tornar-se um escritor, em certo sentido, profissional, sem esquecer o compromisso com a palavra e o compromisso político. Por isso, deve o escritor ter uma preocupação constante com a elaboração artística.

No mesmo contexto em que está inserido o escritor e sua obra, está também o leitor, que, em nosso País, vive dentro dos limites da classe média. E o livro, por sua vez, aparece neste contexto como um objeto de classe, signo de status social, que sempre deve esperar o aplauso e a aprovação desta mesma classe. Recorrendo a Silviano Santiago, “o discurso ficcional é a réplica (no duplo sentido: cópia e contestação) do

discurso de uma classe social dominante”⁷, não podendo o romance brasileiro desvencilhar-se da sua vertente elitista.

Mais uma vez dialogando com Silviano Santiago, em *Nas malhas da letra*, o romancista deve ser tornar um crítico severo da sociedade de consumo à qual pertence, pela “eficácia contra-ideológica da sua prosa dramática”.⁸ Em outras palavras, dar ao escritor a auto-avaliação do seu trabalho, entregando-lhe de volta a responsabilidade cultural, ética e política “na dramatização dos destinos da sociedade”.⁹

Para entender o posicionamento do escritor hoje é indispensável compreender as características que apresenta a questão cultural no contexto da sociedade global. Primeiramente, cumpre destacar que o movimento de mundialização percorre dois caminhos: desterritorialização (espaço abstrato, racional, des-localizado) e deslocalização da produção (o espaço preenche o vazio da sua existência com a presença de objetos mundializados).

Renato Ortiz, em *Mundialização e Cultura*, ressalta que “no processo de globalização, a cultura de consumo desfruta de uma posição de destaque, tendo se transformado numa das principais instâncias mundiais de definição da legitimidade dos comportamentos e dos valores”.¹⁰

O planeta tem se transformado, mais e mais, numa rede informacional. E é por este caminho que vai caminhar, ou tentar caminhar da melhor maneira possível, o escritor contemporâneo. Se na sociedade globalizada, hora e vez de uma cultura mundializada, a comida industrializada não possui nenhum vínculo territorial, por que deveria ser diferente com a arte, especificamente com o livro? Então, cabem alguns questionamentos: estaria o livro – que tem se transformado em um produto como outro qualquer – perdendo em substância e ganhando em circunstância, como acontece com os alimentos? É bem verdade que os grandes autores sobrevivem a todos os processos, mesmo que incluídos no voraz esquema do consumo.

Quando se fala do escritor e das suas relações com o mercado consumidor, é oportuno fazer uma breve digressão histórica. Como esclarece Roberto Schwarz, em “Ao vencedor as batatas”, sempre existiu uma disparidade entre a sociedade brasileira, escravista, e as idéias do liberalismo europeu. Bem que se ressalte, o Brasil recém-

⁷ SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa. In: _____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.p.28.

⁸ _____. Prosa literária atual no Brasil. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.27.

⁹ Ibid, p.28.

¹⁰ ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p.10.

independente era um país agrário, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo, por um lado, e, por outro, do mercado externo.

Conseqüentemente, é preciso considerar as ambigüidades relacionadas ao uso em nosso País do ideário burguês, visto que, aqui, as idéias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu. Neste contexto, o escritor brasileiro do século passado tinha sua matéria determinada por questões da história mundial. Este fato fazia surgir, muitas vezes, uma prosa literária fora do tom, reflexo da impropriedade do pensamento brasileiro, do desequilíbrio das vidas ideológica e intelectual do Segundo Reinado.

Hoje, mais de um século depois, o escritor permanece situado num mundo onde a cultura encontra-se comprometida, tendo o mercado como uma das principais forças reguladoras. O universo do consumo surge, então, como lugar privilegiado da cidadania. Por isso, os nossos grandes autores são, sem dúvida, aqueles que estão desvinculados dos condicionamentos preconceituosos, da primazia do modelo sobre a imitação, do central sobre o periférico. Autores que afirmam a possibilidade de suas obras se tornarem modelos frente à imitação e que vêem o mundo como uma transformação contínua. Como fizeram Clarice Lispector e Guimarães Rosa, apenas para citar dois que provocaram uma espécie de “revolução” na maneira de escrever romances e contos.

O grande escritor é aquele que apenas finge aderir à expectativa, à fórmula, ao estímulo externo, como o fez Machado de Assis, no final do século passado, e como fizeram tantos outros ao longo de nossa trajetória literária. É aquele autor que foge do lugar comum, da mediania, embutindo em sua obra tal carga de polissemia e tamanha multiplicidade de aspectos que as demandas mudam e ele continua atual.

Contudo, boa parte da literatura produzida na contemporaneidade visa a atender a demanda do mercado e a cumprir o papel de se enquadrar nos valores eleitos prioritários. Um bom exemplo, que provocou uma verdadeira corrida aos stands de algumas editoras, na última Bienal do Livro, realizada em maio, no Rio de Janeiro, são os livros voltados para adolescentes, os “diários de adolescentes”. Trazendo histórias semelhantes aos problemas e às novidades vividos por este público, estes livros viraram uma verdadeira febre em alguns países da Europa e nos EUA. Claro, viraram mania também entre os adolescentes brasileiros, especialmente entre as adolescentes.

Mas qual é o mercado que exige tanto jogo de cintura do escritor atualmente? Mercado único, sem fronteiras, que possui uma lógica singular, comprometido com uma missão global, partindo sempre de um mundo interligado pela informação. Afinal, não se pode esquecer que hoje o interesse das grandes corporações é a fabricação de

produtos culturais mais abrangentes, sendo o demasiadamente local considerado supérfluo. Produto universal é o que possui uma abrangência planetária.

Com as mudanças que vêm ocorrendo desde os anos 50 – que aceleraram o processo de emergência e instalação definitiva de uma sociedade global - cada vez mais mobilizada pelo consumo e pela informação, como fica o papel do escritor? Como fica o escritor e como ficam as suas relações, de um lado com a sua arte e, de outro, com o mercado, regido por leis implacáveis?

Importa destacar que, se por um lado, a inserção do livro no mercado traz prejuízos para a atividade do escritor, por outro acarreta benefícios. A rentabilidade, para exemplificar, ao mesmo tempo que degrada as artes estimula a produção artística. Além disso, a relação das obras com o mercado traz para a atividade literária a multiplicação das traduções. O que deve ser avaliada é a reação dos autores à mercantilização das suas obras, como adequadamente ressalta Octávio Paz em *A outra voz*, na discussão que promove sobre o mercado, a ditadura do preço e a literatura. O autor afirma, contudo, que embora possa existir uma mediocridade geral no mercado, a excelência vai acabar sempre se impondo. Mas Octávio Paz não deixa de ser extremamente realista quando trata do processo de produção-circulação-consumo. Ele frisa que o autor produz objetos de consumo, que são os livros; o editor manufatura e distribui entre os leitores, que são, em última instância, consumidores. Mais realista ainda quanto aos perigos da relação mercado/obra de arte: “O mercado é circular. Alguém me dirá que, à sua maneira, o mercado é justo. Talvez. Mas é cego e surdo, não ama a literatura nem o risco, não sabe nem pode escolher. Sua censura não é ideológica: não tem idéias. Sabe de preços, não de valores”.¹¹

¹¹ PAZ, Octávio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 106.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Ivana Mendes Cardoso. *Clarice: o diálogo com os leitores nas crônicas do JB*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.p.59.

EARP, Fábio Sá & Kornis, George. *A economia da cadeia produtiva do livro*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

FERREIRA, Theresa Cristina Montero. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p.283.

—————. *Eu sou uma pergunta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: eu: a não ficção na obra de Clarice Lispector*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PAZ, Octávio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.

SANTIAGO, Silviano. Prosa literária atual no Brasil. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Vale quanto pesa. In: _____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.